

Conceito de felicidade em Sponville

Happiness concept in Sponville

Concepto de felicidad en Sponville

Recebido: 21/08/2020 | Revisado: 02/09/2020 | Aceito: 08/09/2020 | Publicado: 08/09/2020

Paulo Eduardo de Oliveira Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0297-6109>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: pauloplanalto@yahoo.com.br

Kátia Soares Moreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8724-3133>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: katiasoaresmoreira@hotmail.com

Heitor Soares Moreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4546-8390>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: hsmengengheiro@yahoo.com.br

José Ricardo de Oliveira Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6470-1952>

Faculdade de Filosofia e Teologia, Brasil

E-mail: oliveirasousa36@gmail.com

Juliano Jorge de Freitas Salgado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8660-2560>

Universidade Federal de Lavras, Brasil

E-mail: juliano.salgado@estudante.ufla.br

Resumo

A felicidade é um tema importante na história da filosofia e desde os antigos na Grécia até os dias atuais o assunto é tratado e hodiernamente tem vindo à tona nas grandes discussões da sociedade. O objetivo do trabalho é questionar o que é felicidade, como atingi-la e se esse conceito se transformou no decorrer da história haja vista que todo ser humano almeja ser feliz. Tentaremos responder essas questões tendo como base o nosso autor André Comte-Sponville que dedica maior parte de sua vida, como filósofo, ao tema da felicidade com a obra

“a felicidade desesperadamente” que aborda o conceito de felicidade e como ele se modificou no decorrer do tempo. Conclui-se que o mundo contemporâneo busca a felicidade a todo custo. Vivemos no momento em que somos bombardeados pelo consumismo e somos iludidos que a felicidade se encontra nos bens e nos prazeres passageiros da vida. Para o autor, a felicidade se encontra na própria ação contínua da pessoa que age na realização do desejo, na medida em que este se subordina à reta razão. Compreendemos que a felicidade, como fim último que buscamos, está na própria vontade do homem em realizá-la, na escolha deliberada que fazemos e não no objeto através do qual a buscamos realizar, que desejamos e queremos. Sponville ainda nos convida a uma verdadeira conversão dos desejos, que nos afastemos do vicioso círculo da esperança que nos aprisiona a uma vida infeliz e pouco genuína. Precisamos desejar o que não nos falta, o real.

Palavras-chave: Filosofia; Sociedade; Felicidade.

Abstract

Happiness is an important topic in the history of philosophy and from ancient times in Greece to the present day the subject is discussed and has been brought up today in the great discussions of society. The aim of the work is to question what happiness is, how to achieve it and whether this concept has changed over the course of history, given that every human being aspires to be happy. We will try to answer these questions based on our author André Comte-Sponville, who dedicates most of his life, as a philosopher, to the theme of happiness with the work “happiness desperately” that addresses the concept of happiness and how it changed in the course of of time. It is concluded that the contemporary world seeks happiness at all costs. We live in the moment when we are bombarded by consumerism and we are deluded that happiness is found in the goods and pleasures of life. For the author, happiness is found in the continuous action of the person who acts in the fulfillment of desire, insofar as it is subordinated to right reason. We understand that happiness, as the ultimate goal that we seek, is in man's own will to realize it, in the deliberate choice we make and not in the object through which we seek to achieve it, which we desire and want. Sponville still invites us to a true conversion of desires, that we move away from the vicious circle of hope that imprisons us to an unhappy and not genuine life. We need to desire what we do not lack, the real.

Keywords: Philosophy; Society; Happiness.

Resumen

La felicidad es un tema importante en la historia de la filosofía y desde la antigüedad en Grecia hasta nuestros días el tema se discute y se ha planteado hoy en las grandes discusiones de la sociedad. El objetivo del trabajo es cuestionar qué es la felicidad, cómo lograrla y si este concepto ha cambiado a lo largo de la historia ya que todo ser humano aspira a ser feliz. Intentaremos dar respuesta a estas preguntas basándonos en nuestro autor André Comte-Sponville, quien dedica la mayor parte de su vida, como filósofo, al tema de la felicidad con la obra “felicidad desesperadamente” que aborda el concepto de felicidad y cómo cambió en el transcurso de tiempo. Se concluye que el mundo contemporáneo busca la felicidad a toda costa. Vivimos el momento en que nos bombardea el consumismo y nos engaña que la felicidad se encuentre en los bienes y placeres de la vida. Para el autor, la felicidad se encuentra en la acción continua de quien actúa en la realización del deseo, en la medida en que se subordina a la razón justa. Entendemos que la felicidad, como el fin último que buscamos, está en la propia voluntad del hombre para realizarla, en la elección deliberada que hacemos y no en el objeto a través del cual buscamos alcanzarla, que deseamos y queremos. Sponville todavía nos invita a una verdadera conversión de deseos, a alejarnos del círculo vicioso de la esperanza que nos aprisiona a una vida infeliz y no genuina. Necesitamos desear lo que no nos falta, lo real.

Palabras clave: Filosofía; Sociedade; Felicidade.

1. Introdução

A felicidade é tema importante na história da filosofia. Desde os antigos na Grécia até os dias atuais, o assunto é tratado e tem vindo à tona nas grandes discussões da sociedade. Partimos da afirmação de que todo ser humano, de alguma forma, busca a felicidade. Diante dessa afirmação, podemos nos perguntar: O que é felicidade? Como atingi-la? Como o conceito de felicidade sofreu alterações no decorrer da história? No nosso trabalho tentaremos responder essas questões tendo como base o nosso autor André Comte-Sponville que dedica maior parte de sua vida, como filósofo, ao tema da felicidade.

Podemos constatar que, na antiguidade, grandes filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e os estóicos e os epicuristas deram grande importância e contribuições significativas a respeito da busca da felicidade. Já no mundo contemporâneo temos grandes filósofos e podemos destacar especialmente Espinosa que influenciou bastante o pensamento André Comte na sua busca e na sua forma de abordar o tema da felicidade.

No trabalho, pesquisaremos na obra *a felicidade desesperadamente* do filósofo André Comte o conceito de felicidade, como ele aborda o tema que, de certa maneira, foi esquecido por nossa sociedade contemporânea. André Comte faz uma viagem até os antigos para resgatar o tema da felicidade e a partir desse resgate nos ajudar a refletir como essa sabedoria dos antigos podem nos iluminar hoje.

Sabemos que o homem, em toda a história, tentou responder sobre o que é felicidade, pois todo ser humano almeja alcançá-la. Na antiguidade, o conceito de felicidade estava associado a *polis*, ou seja, o cidadão ateniense se realizava plenamente na *polis*. A *polis* era o lugar de iguais, onde todos exerciam o diálogo e discutiam-se os assuntos relevantes para o bem comum de todos os cidadãos.

Para Platão a felicidade estava em buscar o bem supremo e, para isso, era necessário desapegar-se das coisas sensíveis. Ele abordava bem isso no mito da caverna onde o homem deveria sair dela para contemplar o sol, o bem, para depois voltar para caverna e libertar os que ficaram presos nela.

Aristóteles, um grande pensador da antiguidade e discípulo de Platão, foi o primeiro a sistematizar a questão da felicidade. Segundo ele, todo ser humano busca atingir o seu fim (*telos*), que pode ser compreendido como bem ou *eudaimonia*. Dessa forma, Aristóteles acreditava que o homem, ser racional, é o único ser capaz de atingir o seu fim, a felicidade.

Outras correntes filosóficas que surgiram logo após a ruína da Grécia no século VI a.C e que deram grandes contribuições foram os estóicos e os epicuristas. Para os estóicos, a felicidade consistia em o homem não se opor ao seu próprio destino, buscar a indiferença diante das coisas. Já os epicuristas, filósofo importante para Sponville, afirmavam que todo homem busca a felicidade e que a única forma de adquiri-la era por meio da satisfação dos desejos. Eles acreditavam que o homem só se tornaria feliz à medida que eliminassem de suas vidas as preocupações que se dava pelo medo da morte e dos deuses.

Espinosa, filósofo moderno, teve grande importância na formulação do pensamento de André Comte. Espinosa defende que o homem é ato e a potência e que podemos tanto aumentar como diminuir o nosso *conatus*.

Para Comte-Sponville, a felicidade é adquirida a partir do momento que ela deixa de ser desejada. Ele acredita que a felicidade só é possível à medida que o homem deixa de desejar o que não possui e passa a desejar o que já possui. A felicidade é conquistada no dia a dia, no presente e no desejo de vontade de viver e desejar o que podemos em potência. Segundo ele, a felicidade nunca vai ser alcançada pelo simples fato de ser desejada. Por isso,

ele insiste que devemos resgatar algumas ideias filosóficas que são essenciais para se viver bem no mundo contemporâneo.

O mundo contemporâneo busca a felicidade a todo custo. Vivemos no momento em que somos bombardeados pelo consumismo e somos iludidos que a felicidade se encontra nos bens e nos prazeres passageiros da vida. Sabemos que os bens materiais e os prazeres passageiros não nos satisfazem plenamente. Pois, assim que alcançamos esses bens, no sentido platônico, temos necessidade de outros. Portanto, o objetivo primordial deste trabalho é a reflexão sobre o tema da felicidade de acordo com Sponville e saber se é possível ser feliz em uma sociedade que se distancia dos valores e das tradições filosóficas.

2. Metodologia

Este trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, do tipo bibliográfica, baseada em revisão narrativa. Na pesquisa qualitativa, em geral, o pesquisador é o principal instrumento e os dados coletados são preferencialmente descritivos (Pereira *et al.*, 2018). É importante salientar que a obra de Sponville “A felicidade desesperadamente” será aporte fundamental para entender, conforme valores e tradições filosóficas, a possibilidade da felicidade em uma sociedade.

3. A Felicidade na Antiguidade

A felicidade é um dos temas mais tratados na filosofia antiga (Bosch, 1998). Para os filósofos antigos, a felicidade ou *eudaimonia* é a busca constante do ser humano (Reale, 1990). Todo ser humano tem como fim último ser feliz. André Comte-Sponville foi um dos filósofos contemporâneos que direcionou o olhar para a antiguidade no sentido de resgatar elementos que possam ajudar o homem a refletir sobre o sentido da vida e mostrar um método para se alcançar tal fim.

O objetivo de Sponville (2005) é reatar, com essa questão grega e filosófica, a questão da felicidade, da vida boa, da sabedoria. Principalmente no mundo atual que despreza o antigo, Sponville observa elementos preciosos da antiguidade que ainda podem nos dizer muito como traçar um caminho que ajude chegar à felicidade. Para ele, a sabedoria seria a felicidade verdadeira, que o homem deseja por que não é feliz. O homem confundiu desejo com esperança. Assim, ele acredita que o homem só será feliz quando não espera ser feliz.

O que podemos resgatar da tradição dos antigos que possa iluminar-nos no nosso tempo? Como foi concebido o conceito de felicidade na antiguidade? A partir da construção do pensamento filosófico, que por meio da razão, nos conduz ao esclarecimento acerca do agir humano no mundo, podemos buscar na experiência de vida do mundo antigo o significado de felicidade como ponto de partida para a elaboração de novos conceitos.

Segundo Sponville, desde os primórdios da filosofia o principal e mais constante objeto de reflexão filosófica era a felicidade, visto que é o desejo principal de todo ser humano. Na última metade do século XX o tema da felicidade foi praticamente desconsiderado e esquecido. Como filósofo, ele então retoma a reflexão, já que nunca se falou e buscou tanto a felicidade em nossa época. Se fizermos a pergunta sobre o que as pessoas mais desejam, com certeza, a resposta seria ser feliz.

Infelizmente, se perguntarmos o que elas precisariam para serem felizes responderiam: se tivesse saúde; se tivesse um carro; se tivesse dinheiro; se tivesse um namorado... Na maioria das perguntas se responderia no futuro e como possibilidade.

O pensamento de Sponville defende que o homem só será feliz quando ele não esperar ser feliz no futuro, pois o futuro não pode realizar nenhuma ação. No seu livro, *a felicidade desesperadamente*, ele diz que na tradição filosófica se reconhece a sabedoria pela felicidade e acrescenta que a verdadeira felicidade não é obtida à custa de drogas, ilusões, diversões, dinheiro.

A felicidade a partir da sabedoria dos antigos e da felicidade aparente que é buscada através de objetos externos ao homem é um dos pressupostos apontado por ele para abordar mais profundamente a temática, indo beber das fontes da antiguidade para nos mostrar a relevância da felicidade.

Vejamos como a Grécia Antiga, especialmente à cidade de Atenas, berço da democracia, explica a felicidade. A palavra “*demos*” significa gente comum, ou seja, um governo de todos e que os cidadãos se reuniam em assembleia para decidir o que era melhor para a *polis*. De acordo com Gomes (1990):

Na política que a cidade tem precedência sobre a família e sobre cada um dos cidadãos individualmente[...] a concepção grega via na polis o único lugar onde a liberdade podia existir... se constituía na medida que era geradora de liberdade e, vai querer Aristóteles, de bem está, de felicidade. Tratava-se não de cercear certas ações consideradas nocivas, mas de possibilitar a prática de ações justas.

A *ágora*, lugar da palavra e do coração da cidade, era o espaço público onde os cidadãos atenienses, homens livres, se encontravam para debater, propor emendas, votar todo tipo de proposta e outros assuntos que eram de suma relevância para a cidade. Todos tinham o mesmo direito de expressar suas ideias e aqueles que falavam teriam que, através dos discursos, convencer seus semelhantes (Sponville, 2003).

O objetivo do cidadão era discutir o que era melhor para todos, sendo assim, deixavam de lado seus interesses pessoais, pois o que importava era a felicidade da *pólis*, e não do indivíduo. Outro aspecto importante na cidade-estado era que os cidadãos eram homens livres e que se dedicavam, entre outras atividades, à política, mesmo tendo o seu espaço privado o mais importante era o espaço público. Tudo em vista de criar leis e decidir questões que beneficiasse toda a cidade.

Em suma, almejava-se, não a felicidade individual, mas a felicidade dos cidadãos. Mas quem é o cidadão da *polis* grega? O cidadão grego era o homem livre que se dedicava principalmente aos assuntos da *pólis*. Para que os cidadãos tivessem o tempo livre para tratar dos assuntos da cidade, eles mantiveram o trabalho escravo que era a base da vida econômica da sociedade.

Os escravos constituíam uma parcela significativa da população. Eles não tinham qualquer direito político. Os estrangeiros, geralmente comerciantes, só possuíam direitos civis e não participavam da vida política. Já as mulheres possuíam direitos políticos e tinham seus direitos limitados pelo pai ou pelo marido. Podemos perceber que a *pólis* grega era excludente e mantiveram os escravos por uma questão natural da época, ou seja, de uma sobrevivência social.

Um dos filósofos mais importantes desse período chamado Sócrates, foi incansável na busca pela felicidade. Questionava as pessoas de sua época sobre a melhor maneira de conduzir a vida no caminho da felicidade. Sua máxima era “*conhece-te a ti mesmo*”. Era fundamental o conhecer-se a si mesmo e esse conhecer-se se dava pela vida examinada, pois já dizia Platão que uma vida não examinada não vale a pena ser vivida como vida humana. Sócrates usava com seus interlocutores o método *maieutico*. Conforme Reale (1990) este método, usado por Sócrates, consistia em:

Ora, em todo o resto, minha arte obstétrica se assemelha à das parteiras, mas difere em uma coisa: ela opera nos homens e não nas mulheres e assiste as almas parturientes e não os corpos. E minha maior capacidade é que, através dela, eu consigo discernir seguramente se a alma do jovem está parindo fantasmas e mentiras ou alguma coisa vital e real. Pois algo eu tenho em comum com as parteiras: também eu sou estéril (...)

de sabedoria. E a reprovação que tantos já me fizeram, segundo à qual eu interrogo os outros, mas, eu próprio, nunca manifesto meu pensamento sobre nenhuma questão, ignorante que sou, é reprovação muito verdadeira.

O filósofo Platão abordando o tema da felicidade através de seus discursos, seguiu o seu mestre Sócrates no sentido de mostrar caminhos que melhor ajudassem a encontrar a felicidade, pois todo homem atingiria a felicidade mediante a libertação do que é aparente, das falsas crenças e do superficial. Para libertar-se das falsas ilusões o homem tinha que conhecer a verdade e para conhecer a verdade era necessário sair da caverna.

Ilustraremos esse pensamento através da Alegoria da Caverna onde Platão nos pede para imaginar homens que viviam na caverna e cuja entrada se abria para luz em toda sua largura e com ampla abertura para o acesso. Continuemos imaginando que os homens, habitantes da caverna, tenham as pernas e o pescoço amarrado a tal modo que não possam mudar de posição e que só podem olhar para o fundo da caverna. Reale (1990) continua nos pedindo para imaginarmos:

Imaginemos ainda que, imediatamente à frente da caverna, exista um pequeno muro e, portanto, inteiramente escondidos por ele, se movam homens carregando sobre ombros estátuas trabalhadas em pedra e em madeira, representando os mais diversos tipos de coisas. Imaginemos também que, por trás desses homens, esteja acesa uma grande fogueira e que, no alto, brilhe sol. Finalmente, imaginemos que a caverna produza eco e que os homens que passam por trás do muro estejam falando de modo que suas vozes ecoem no fundo da caverna.

A filosofia de Platão é pautada pela busca do supremo bem. Para isso, ele precisa trilhar um caminho de conhecimento da verdade. Assim, segundo Platão, o homem só chegará ao bem supremo, felicidade, mediante o conhecimento da verdade. Para contemplar a luz é necessário se libertar das falsas ilusões, do sensível, que se apresentam como verdadeiras. Assim, o supremo bem só é atingível na medida em que o homem deseja o bem e que está fora do mundo das aparências, do sensível, ou seja, fora da caverna.

Conforme Bosch (1998) outro fator relevante para a construção desse pensamento e para melhor entendermos essa visão platônica é necessário explicitar o conceito de desejo através da narração mítica do nascimento do amor:

Eros não é um deus, mais um semideus, um demônio, um intermediário entre os deuses e os homens, cuja origem é a seguinte. Para celebrar o nascimento de Afrodite, a deusa da beleza, todos os deuses foram convidados para um festim. Um deles, poros deus da engenhosidade, do recurso, da “esperteza”, embriagado de néctar, saiu para o

jardim e adormeceu. Pênia, a pobreza, muito magra e em farrapos, que viera mendigar, viu o belo rapaz e decidiu aproveitar a ocasião. Deitou-se ao lado dele... e nove meses mais tarde nasceu o pequeno Eros, o demônio do desejo. Ele possui os caracteres herdados dos dois progenitores: é pobre mas inventivo, assim como o filósofo; é carência de ser, mas ação.

Segundo Platão desejo é falta, carência. Nunca conseguiremos possuir o que desejamos, pois, no momento em que conseguimos o que desejamos já deixa de ser desejo. Nessa narração mítica sobre o nascimento de Afrodite percebe-se que o amor no sentido de riqueza é falta, ficando impossível a satisfação dos nossos desejos, pois estaremos incansavelmente buscando realizar nossos desejos.

O pensamento de André-Comte discorda de Platão no que se refere ao desejo. Segundo ele, apenas desejando o que nos falta nunca chegaremos à felicidade, já que ela é um desejo de todo ser humano; podemos sim desejar o que não nos falta, só assim seremos felizes.

Ao observarmos como na sociedade atual, o capitalismo se apropriou dessas ideias para levar o ser humano ao consumismo, encontramos a humanidade movida pelo provisório, pelo transitório. As pessoas almejam tanto a felicidade por meio de bens materiais e quando conseguem o objeto de desejo já não são felizes buscando em seguida outro objeto para satisfazer o vazio, o desejo inextinguível.

Nosso autor percebe que, nessa realidade, o homem é vulnerável e infeliz. Ele sabe da ânsia do homem que almeja a felicidade, mas que não sabe como encontrá-la. Por isso, mais do que nunca, a importância de uma vida sábia que possa encorajar as pessoas a terem muito mais do que uma felicidade qualquer, mesquinha é fundamental para encontrar a verdadeira felicidade. Nessa citação Sponville (2005) explicita melhor o que seja a sabedoria:

Ora, a sabedoria outra coisa não é que essa simplicidade de viver. Se é preciso filosofar, é para descobrir – *Clarum per obscurius!* – essa simplicidade. Trata-se, dizia eu, de nos livrar de tudo o que nos atravanca e que não para de nos separar do real da vida. É para isso que serve a filosofia.

Outro filósofo da antiguidade que sistematizou o tema da felicidade foi Aristóteles. A sua ética se distingue da ética platônica. Platão acreditava que o homem chegaria a sumo bem, felicidade, através do conhecimento da verdade. Já para Aristóteles o conhecimento da verdade é importante, mas só chegaremos ao supremo bem, a felicidade ou *eudaimonia*, através de uma práxis. Ele define felicidade como uma atividade da alma que busca alcançar o seu fim, a felicidade. Sendo ela uma atividade da alma, as pessoas devem fazer um esforço

intelectual para adquiri-la é uma conquista pessoal em que cada pessoa se esforça para ser melhor na vivência do cotidiano praticando atos virtuosos.

Clareando o significado da virtude para Aristóteles ela está associada a excelência, pois a virtude de uma coisa é sua própria excelência. Dessa forma podemos perceber que a coragem é uma virtude que mesmo estando na sombra em cada um de nós é uma possibilidade a espera de nosso esforço, de nosso trabalho sobre nós mesmos.

Na visão de Aristóteles o ser humano não nasce ético, mas se torna, a partir da vivência e da busca virtuosa de tudo aquilo que é nobre e edificador para o homem. Sendo assim, podemos afirmar que o homem também não nasce feliz, mas se torna feliz quando busca uma vida equilibrada evitando o excesso e a falta de medida; o que no pensamento de Aristóteles é o ponto central de quem busca uma vida feliz, ou seja ter como base a moderação e o comedimento.

Tendo presente que a busca por uma vida feliz é o fim supremo do homem, Aristóteles distingue o ser humano dos outros seres, pois o homem não vive como ao modo de viver dos outros seres (vida vegetativa ou sensitiva- comum também aos animais). O homem é um ser dotado de razão e deve viver segundo ela, na qual a faculdade do desejo e do apetite deve ser orientada pela razão. Podemos perceber a distinção do homem e dos outros seres na seguinte citação de Reale (1990):

Já a perfeição da alma racional como tal é chamada por Aristóteles de virtude “dianoética”. E como a alma racional tem dois aspectos, conforme se volte para as coisas mutáveis da vida do homem ou para as realidades imutáveis e necessárias, ou seja, aos princípios e às verdades supremas, então duas também são, fundamentalmente, as virtudes dianoéticas: a “sabedoria”(phronesis) e a “Sapiência”(shofia). A sabedoria consiste em dirigir bem a vida do homem, ou seja, em deliberar de modo correto acerca daquilo que é bem ou mal para o homem. Já a sapiência é o conhecimento daquelas realidades que estão acima. É precisamente no exercício desta última virtude, que constitui a perfeição da atividade contemplativa, que o homem alcança a felicidade máxima, quase uma tangência com o divino.

Nunca a sabedoria foi tão necessária no mundo atual. Vivemos num mundo onde as pessoas têm mais acesso a recurso e comodidade e mesmo assim vivem tão vazias de sentido, vivem insatisfeitas e angustiadas.

Como André-Comte diz: “Por que a sabedoria é necessária? Porque não somos felizes”. Ele tem razão que é urgente uma vivência pautada na verdadeira felicidade, ou seja, na verdade e não nas ilusões que o mundo oferece. Em todo o seu livro *a felicidade desesperadamente*, somos alertados para o perigo de uma busca da felicidade que tem prazer

nas ilusões. Ele afirma que a insatisfação está na ausência de uma genuína felicidade, de uma sabedoria alicerçada na verdade.

Temos que imaginar que a vida é breve, que somos seres mortais. Precisamos ter consciência que só seremos felizes se conduzirmos nossa vida pautada na reflexão filosófica que tem a verdade como norma, sendo preferível sermos tristes com a verdade que ter prazer com as mentiras.

Tanto os estóicos como os epicuristas tinham o intuito de tornar o homem um ser virtuoso e mais feliz e a pretensão da possibilidade da vida feliz em qualquer circunstância, nas calamidades ou não. André-Comte bebeu muito das escolas helenísticas como os estoicos e epicuristas devido saber da riqueza delas. Sponville (2005) sofreu grande influência delas, especialmente dos epicuristas que adotou como uma resposta sobre o que é filosofia: “*A filosofia é uma atividade que, por discursos e raciocínios, nos proporciona uma vida feliz*”.

O estoicismo foi fundado por Zenão na antiguidade, esse nome é devido a um pórtico chamado *stoa* onde Zenão ensinava. Essa doutrina defende tudo o que não depende do homem, ele tem que ser indiferente.

Podemos perceber bem isso na passagem que diz “*é que ter tudo o que desejo e fazer tudo o que quero não estão em meu poder. Obter tudo isso não depende de mim, mais de circunstâncias externas, da cooperação alheia, da sorte, em suma, do conjunto do universo*” (Bosch, 1998). Para eles, o que podemos fazer é nos esforçar, mais nunca teremos a certeza do resultado final, por isso a importância da indiferença. A única coisa que depende de nós é a vontade.

Segundo os estóicos, decidimos aquilo que queremos, pois as nossas escolhas são o que existe de mais precioso no ser humano. Dessa forma podemos compreender que o segredo da felicidade está em usar bem à vontade, querer apenas o que se tem e o que nos acontece.

Outra escola importante é o epicurismo, surgiu no século III a.C e foi fundada por Epicuro, ele firmava que objetivo da vida humana é a felicidade e o meio de alcançar a felicidade é o prazer nascido da satisfação dos desejos. Quanto mais prazer mais próximo a felicidade. Esse tipo de prazer se chama hedonismo. Por meio dele elevamos ao extremo a célebre máxima latina *carpe diem*, mas para isso é preciso primeiro que eliminemos de nossas vidas as preocupações e angústias que se dá pelo medo dos deuses e da morte.

Encontramos outro conceito defendido pelos os epicuristas que é a moderação dos desejos. Epicuro ressalta que devemos rejeitar implacavelmente todos os desejos que não são

naturais e necessários, mas para isso é preciso uma correta adequação dos desejos que passa pelo crivo da razão.

O argumento filosófico de Sponville (2005) tem fundamentos epicuristas por reforçar que só podemos ter uma vida feliz a partir da sabedoria a qual “se dá na prática reflexiva e a partir da própria vida e não fora dela”. Apesar da influência dessas escolas filosóficas, ele tem consciência de que nem sempre é possível alcançar uma sabedoria tão absoluta como propõem os estoicos e epicuristas, visto que tal sabedoria está fora das capacidades humanas.

4. Conceito de Felicidade em Sponville

4.1 A Sabedoria e as consequências para a felicidade

A sabedoria é uma palavra muito importante ao pensamento de Sponville. Ele sustenta a sabedoria como meta na busca da felicidade, pois ela direciona e aponta para uma vida feliz. O verdadeiro sábio busca a felicidade baseado na verdade e não nas ilusões que nos desviam da verdadeira felicidade. Perguntemo-nos o que então causa a nossa infelicidade? Tendo a sabedoria é possível sermos absolutamente felizes?

A vida feliz só é possível quando tem a sabedoria como meta e não como fim. Para ele, a filosofia tem que está associada à vida cotidiana, vivida a partir dos acontecimentos presentes, *uma vida examinada* como já diziam os antigos. Ele reconhece a relevância da sabedoria como uma aliada na busca da vida de qualidade - como ele mesmo diz em um de seus livros – a filosofia só tem sentido se estiver a serviço da vida. Ela deve nos proporcionar a viver uma vida melhor, lúcida, livre e feliz. Para isso, devemos pensar melhor para viver melhor. Epicuro chamava isso de filosofar para valer, e Spinoza dizia que essa forma é a única filosofia que presta, pois, ninguém filosofa para brincar, mas para salvar a pele e a alma (Sponville, 2006).

Podemos afirmar que para uma vida de qualidade é necessária que ela seja baseada na sabedoria que se dá na reflexão da própria vida; entendemos vida de qualidade o caminho próprio que cada ser humano trilha para ser feliz que, por sua vez, é distinto do termo qualidade de vida que universaliza a felicidade para todos. Essa sabedoria é a que difere o ser humano dos demais seres. Segundo Sponville, a sabedoria que singulariza o humano deve ser pautada na verdade. Dessa forma devemos ter cuidados com as falsas ilusões que surgem em nossas vidas, principalmente as ilusões que são colocadas por nossa sociedade consumista

interessada exclusivamente no lucro. Oferece-nos produtos e serviços com promessas enganosas de felicidade. O que Sponville (2005) entende por felicidade?

A felicidade é a meta da filosofia. Ou, mais exatamente, a meta da filosofia é a sabedoria, portanto a felicidade – já que, mais uma vez, uma das idéias mais aceitas em toda a tradição filosófica, especialmente na tradição grega, é que se reconhece a sabedoria pela felicidade, em todo caso por certo tipo de felicidade. Porque, se o sábio é feliz, não é de uma maneira qualquer nem a um preço qualquer. Se a sabedoria é uma felicidade, não é uma felicidade qualquer! Não é, por exemplo, uma felicidade obtida à custa de drogas, ilusões ou diversões.

O que entendemos por felicidade é a meta da filosofia e não pode ser norma da atividade filosófica? É preciso distinguir as ideias verdadeiras e ideias falsas de felicidade. No livro *Admirável mundo novo* do autor Aldous Huxley, podemos perceber claramente essa distinção. Trata de uma sociedade que buscava uma vida perfeita, mas para ter essa vida perfeita era necessário tomar soma (drogas) para manter as sensações de felicidade ativadas. Num dos diálogos do livro, o selvagem que não fazia uso das drogas diz: “eu prefiro ser infeliz a ter essa espécie de felicidade falsa e mentirosa” (Huxley, 1932). Muitas vezes temos ideias e convicções que favorecem a autoestima, o prazer e a felicidade, mas não passam de ilusões. Conforme Ribeiro (2012), vivemos numa sociedade que foge do sofrimento, não encara a existência com realismo; enche-se com objetos que trazem prazeres imediatos que não são capazes de lhe satisfazer como uma espécie de círculo vicioso:

A categoria de utilidade é muitas vezes colocada como categoria primeira e quase exclusiva da prática social. Ao reger o universo simbólico do ser humano, universo de fins, normas e valores, essa categoria pode implicar um aprisionamento do ser humano à lógica do consumo e da satisfação imediata da própria utilidade. Em uma espécie de círculo vicioso, o ser humano estaria aprisionado pela incessante multiplicação de objetos supostamente oferecidos à sua realização.

Para Sponville é importante considerar, acima de tudo, a primazia da verdade, mesmo que ela proporcione elementos desagradáveis. Podemos entender que a vida feliz segundo os epicuristas, conseqüentemente para Sponville, é a meta da filosofia, mas, não a sua norma; seu caminho é a verdade. Compreender que nunca podemos chegar à verdade absoluta, mas podemos buscá-la diariamente em nossa vida; ou seja, temos a responsabilidade de buscá-la, ou pelo menos de almejá-la. Por isso, Sponville (2005) acredita que a sabedoria é necessária, visto que com toda a comodidade e bens não conseguimos alcançar a desejada felicidade.

O que nos falta para ser feliz, quando temos tudo para sê-lo e não somos? O que nos falta é a sabedoria, em outras palavras, *saber viver*, não no sentido em que se fala no *savoir-vivre* como boa educação, mas no sentido profundo do termo, no sentido em que Montigne dizia que “não há ciência tão árdua quando a de *saber viver* bem e naturalmente esta vida.

A felicidade deve vir acompanhada de uma vida mais lúcida possível, não basta ser feliz. A falsa alegria não nos traz a felicidade verdadeira, nem a lucidez diante da vida. Por isso, a filosofia elabora uma sabedoria fundada no amor à verdade e ao real. A sabedoria como simplicidade de vida e o filosofar seriam esse desejo do homem de descobrir o sentido da vida nas coisas simples, no essencial.

O filósofo verdadeiro é aquele que reconhece a primazia da verdade. É preferível abraçar um desapontamento ou uma tristeza do que uma falsa felicidade, mesmo que seja doloroso a princípio, mas que tem por alicerce a verdade. Sabemos que nem sempre o caminho mais fácil e mais prazeroso é o que nos conduz para uma vida feliz. Por isso, o verdadeiro filósofo pauta a vida na busca pela lucidez. Nem sempre é fácil optarmos por uma vida lúcida. Às vezes, preferimos fugir das questões importantes abordadas pela filosofia e nos apegamos às ilusões que nos desviam do caminho em que temos a oportunidade de ter uma felicidade pautada na verdade.

Sponville propõe um resgate urgente de uma vida sábia para o nosso tempo. Percebe a necessidade de uma sabedoria de vida para sociedade baseada no conhecimento como forma de resolver os sofrimentos dessa vida. A questão que ele levanta é que as pessoas nunca tiveram tantos recursos e comodidades e ao mesmo tempo nunca se sentiram tão vazias, insatisfeitas e angustiadas.

Notamos essa falta de sentido na sociedade contemporânea que se enche com objetos tecnológicos que só trazem angústias. Conforme Libânio (2009):

E a tecnologia avançada cria a *iPhones* e *iPods* para preencher qualquer inspiração espiritual maior. Já não se trata de mero consumismo de coisas. Esse não dá conta de satisfazer o coração [...] A cultura atual gerou imenso “coma induzido”, não do corpo, mas da mente, do espírito [...] Quanto à razão se ausenta e os sentidos lhe ocupam o lugar, reina o mundo dos instintos, do emocional.

Creemos erroneamente que a felicidade se encontra em algum lugar a espera de alguém que a encontre e que só é possível ter acesso a ela poucos privilegiados. Os cientistas tentam mapear o DNA da desejada felicidade. Somos bombardeados pela mídia que propaga que a felicidade estar em num lugar, numa pessoa, num objeto. Será que não estamos nos

enganando ao dar atenção a essa ideia de felicidade? Sponville acredita que nunca podemos chegar à verdade absoluta, mas, podemos buscá-la diariamente em nossa vida.

4.1.1 Os desejos e as consequências para a felicidade

Como tínhamos tratado no capítulo primeiro o significado de desejo para Platão é falta. Algo que nunca poderemos alcançar. Abordaremos aqui como os desejos mal orientados nos tiram da meta da felicidade. Toda vez que o homem consegue o objeto que desejava e imaginava que lhe traria felicidade ele já sente necessidade de outro. Percebe-se na pós-modernidade uma busca desenfreada pela felicidade a qualquer preço; ou seja, a satisfação dos desejos seguindo a lógica platônica de desejar o que nos falta. Na análise de Sponville (2005), o desejo platônico é abordado como falta:

Na medida em que Platão tem razão, ou na medida em que somos platônicos (mas no sentido de um platonismo espontâneo), na medida em que desejamos o que nos falta, é impossível sermos felizes. Por quê? Porque o desejo é falta, e porque a falta é sofrimento. Como você pode ser feliz se lhe falta, precisamente, aquilo que você deseja?

Parece que a condenação é certa – a busca pela felicidade é uma tarefa infundável onde está a ânsia e o sofrimento pelo que nos falta. A sociedade consumista é pautada e construída nesse intuito de satisfazer o homem com desejos que nunca lhes dará a felicidade verdadeira. Retomemos o sentido de amor para Platão: segundo ele, o amor é igual a desejo e desejo é igual à falta. Assim, nunca seremos felizes. Para Sponville, o grande desafio hoje é desejar o que temos, visto que somos levados a acreditar que só seremos felizes se possuímos determinado objeto ou objetivo no futuro. Na lógica de Platão nunca alcançaremos a desejada felicidade, pois, “o desejo nos separa dela no mesmo movimento que ela tende” (Sponville, 2011).

Algumas pessoas até pensam que já encontraram a desejada felicidade, enquanto outras continuam a buscá-la, ansiosos e esperançosos por encontrá-la em algum objeto ao qual, imediatamente, confundiriam com a própria felicidade. Muitos pensam que a felicidade está em encontrar um bom trabalho, construir uma boa casa, realizar seus desejos mais íntimos, ganhar e gastar muito dinheiro, ter um bom carro, encontrar uma linda mulher, casar e ter muitos filhos, etc. Para os trabalhadores e operários, a mão-de-obra consiste no fato de que o empenho e a recompensa que fazem e desejam seguem-se de perto da produção e do

consumo dos meios de subsistência, de modo que a desejada felicidade torna-se idêntica ao próprio desenvolvimento, da mesma forma como o prazer é semelhante ao funcionamento do corpo sadio.

Para ilustrar melhor como o desejo é falta, Sponville dá quatro exemplos que nos ajudam a compreender a gravidade do desejo como falta para a felicidade. O primeiro é o da criança que deseja o brinquedo que quer muito e, nos meses que antecede o natal, pensa constantemente naquele brinquedo que lhe faz muita falta. Quando a criança consegue a posse do brinquedo algo começa a mudar; aquele objeto já não lhe parece trazer tanta satisfação, surge o descontentamento e a criança fica a espera do próximo natal; o segundo, é o do empregado que ansiosamente espera obter um emprego e tem a convicção que, a partir daí, será feliz. Mas, quando obtêm o que desejava, ver-se novamente descontente; o terceiro é o do cego: se tal pessoa tivesse a visão seria feliz. Mas, percebe-se que a grande maioria das pessoas enxerga e elas não são felizes. Logo, enxergar não parece ser garantia segura para a felicidade. E, por fim, o do casal. É muito interessante: quando a mulher, que um homem diz amá-la, vai embora, bate um sentimento de falta, de solidão. Esse sujeito faz de tudo para ter a amada de volta, e quando a tem novamente fica entediado com sua presença. Nota-se que em todos os exemplos acima há o sofrimento pela falta, pela ausência do que não temos. Mas quando temos acesso a tudo que desejávamos estamos, novamente, fadados ao vazio, a insatisfação e ao tédio. Sponville (2011) explicita sobre o tédio:

É a ausência de felicidade no próprio lugar da sua presença esperada. Você tinha um encontro marcado com a felicidade. Você dizia a si mesmo: “Como serei feliz quando tiver esse título, essa profissão, esse homem ou mulher, esse trabalho ou essa casa!” E eis que você tem o título, a profissão, o homem, o homem ou a mulher, o trabalho e a casa; nem por isso você está feliz. Você tinha um encontro marcado com a felicidade. A felicidade não veio ao encontro: a felicidade deu bolo em você. Você está infeliz? Não. Você já não está sofrendo, você tem o título, o trabalho, o homem, a mulher, a casa que desejava... Você não é infeliz. Também não é feliz. Você está entediado.

A maioria das pessoas que buscam a felicidade no sucesso, muitas vezes, se decepciona e se torna infeliz com a sua própria condição e com a realidade que não consegue transformar. Resumir-se-ia a sonhada e desejada felicidade nessas realizações e necessidades que queremos e desejamos? Se a felicidade se traduzir nesses objetos e desejos, estaremos banalizando o conceito de felicidade, tornando-a fácil de alcançar: desejamos comprar um carro novo para nossa família; então, economizamos durante alguns anos e compramos o sonhado carro, alcançando o que desejávamos. Porém, será que teremos adquirido com o

carro a pretendida felicidade, antes, a ele associada? Talvez fiquemos momentaneamente felizes. Entretanto, passado esse momento, o desejo novamente se apresentará e, a cada vez, de outras coisas, e de novo nos veremos à volta com a insatisfação e nos acreditaremos infelizes. E, dessa maneira, viveremos até o fim de nossos dias, sempre buscando fora de nós algo que nos possa realizar.

4.2 A felicidade desesperada

Verificamos anteriormente que, na maioria das vezes, nossos desejos estão focados no futuro, no que não depende de nós. Abordaremos a ideia que Sponville nos propôs para vivenciarmos de forma verdadeira a felicidade. Para isso é necessário tomar consciência que somos cheios de desejos que se apresentam como esperanças, ilusões. Esse tipo de desejos nos impede de uma vida mais plena e feliz. Mas o que entendemos por esperança? Como autor a define? “É um desejo que se refere ao que não temos (uma falta), que ignoramos se foi ou será satisfeito, enfim cuja satisfação não depende de nós: esperar é desejar sem gozar, sem saber, sem poder” (Sponville, 2005). Diante dessa definição, o autor propõe a felicidade desesperadamente. Mas o que realmente ele quer dizer com a palavra desesperadamente? Sponville (2005) esclarece que não é no sentido da infelicidade como tomamos, senão, no sentido da ausência de esperança. Ele mesmo nos esclarece quando diz:

Emprego a palavra num sentido literal, quase etimológico, para designar o grau zero da esperança, a pura e simples ausência de esperança. Também poderíamos chamá-lo de inesperança... Mas não gosto muito de neologismos e, além do mais, o termo inesperança daria a falsa impressão da facilidade, que como se nos tornássemos sábios de um dia para o outro, como se bastasse decidir, como se pudéssemos nos instalar numa poltrona.

Para Sponville a palavra desespero traduz melhor a ausência de esperança. Ele acredita que se usasse outra palavra para designar a falta de esperança poderia apresentar uma ilusória impressão de que a posse da sabedoria ocorresse de maneira fácil, pois, para o nosso autor a sabedoria é uma conquista onde não está ausente a dor e a dificuldade do caminho. A palavra desespero indica tal esforço e dificuldade.

Espinosa tem grande influência no pensamento de Sponville. Ele comunga das ideias deste pensador que acredita no esforço do homem para a independência em relação à esperança. Percebemos melhor esse aspecto quando Espinosa (1989) aborda sobre as paixões e os desejos:

O movimento interno do corpo e o nexos interno das idéias na alma constituem a essência do homem – essa essência se denomina *conatus*, esforço para preservar na existência, poder para vencer os obstáculos exteriores a essa existência, poder para expandir e realizar-se plenamente. Ora, cada *conatus* está perpetuamente relacionado com outros e cada um pode realizar uma verdadeira guerra contra os demais para poder preservar-se, e o mundo exterior surge como um conjunto de causas que pode aumentar ou diminuir o poder do *conatus* de cada um. A ação consiste em apropriar-se de todas as causas exteriores que aumente o poder do *conatus*. A paixão, em deixar-se vencer por todas aquelas que diminuem se poder. Ora, isso significa que na ação o *conatus*(alma e corpo) corpora o exterior graças ao seu próprio poder, enquanto na paixão ele se torna capaz disso. Assim, Espinosa definirá ação e paixão em termos de causa adequada e de causa inadequada: “somos ativos quando em nós ou fora de nós ocorre algo de que somos a causa adequada, isto é, quando em nós ou fora de nós ocorre algo que depende apenas de nosso poder. Somos passivos, ao contrário, inadequada, isto é, quando o que ocorre em nós ou fora de nós não depende de nosso próprio poder”.

Para Sponville, esse desespero é próprio do homem sábio. Quanto menos esperamos num futuro que não depende de nós, mais felizes seremos. Por isso, a sabedoria do desespero é uma meta que precisamos progressivamente buscar. Espinosa (1989) acredita nas palavras de Espinosa quando ele afirma que o verdadeiro sábio “não espera nada”. Para Espinosa o verdadeiro sábio é aquele que não depende das causas externas para ser feliz, que não espera nada, pois, a esperança está ligada ao temor e, o temor, a esperança. Sponville (2005) chega à conclusão que o sábio é aquele que vive no desespero a partir da reflexão: “A sabedoria é a serenidade, a ausência de temor... Já que não há esperança sem temor, se o sábio não tem temor é que não tem esperança”. Sponville (2005) esclarece que não é a palavra desesperança que ele toma de Espinosa, ele toma a ideia, toma certo caminho. Que ideia? Que caminho?

Que caminho? O da desilusão, da lucidez, do conhecimento, do caminho que deve “nos tornar menos dependentes da esperança e nos libertar do temor”. Que ideia? A de beatitude: a felicidade de quem não tem mais nada a esperar. Por que está perdido? Não, porque não tem mais nada a perder, porque está salvo, salvo aqui e agora. Nesta vida.

Nessa passagem fica claro a ideia e o caminho que nosso autor toma para elaborar sua tese. Para ele a beatitude e o desespero não são conflitantes, são como as duas faces da mesma moeda (o ponto de vista da eternidade e o ponto de vista do tempo). Esses dois pontos de vista são relativos a uma mesma existência que é a do sábio. Infelizmente, vivemos pouco o momento presente, geralmente estamos ou no passado ou no futuro. Conforme Bosch (1998):

Que cada qual examine seus pensamentos, eles os encontrarão todos ocupados com o passado e com o futuro. Quase não pensamos no presente e, se pensamos nele, é apenas para pegar-lhe a luz para dispor o futuro. O presente jamais é nossa meta. O passado e o presente são nossos meios, apenas o futuro é nossa meta. Assim nunca vivemos, mas esperamos viver e dispendo-nos sempre a ser feliz, é inevitável que jamais o sejamos.

Sponville (2005) cita também no seu livro os escritos de Santo Agostinho e São Tomás para dizer que temos que viver aqui neste mundo como o bem aventurado no paraíso, “no Reino, já que não haverá esperança, pois não haverá nada a esperar; já não haverá fé, pois conheceremos Deus; não haverá mais que a verdade e o amor”. No paraíso só restará a verdade e o amor. No ponto de vista do Sponville, já estamos no reino, o qual é a unidade entre o inferno e o paraíso. Está diante de nós a possibilidade de viver no medo, na dúvida, na ignorância (na esperança) ou viver na verdade e no amor (no desespero). Segundo o pensamento de Sponville, estamos diante do céu e do inferno e que depende de nós escolhermos qual a nossa atitude frente à vida. Fazer e amar ou esperar.

Para Sponville (2005) o sábio se apega ao desespero porque “esperar é desejar sem saber, sem poder, sem gozar”. Aqui, Sponville sabe que não podemos ter a ingenuidade e acreditar que o sábio é aquele que sabe tudo, tudo pode e que vive num prazer constante. Ele também está sujeito às eventualidades da vida. A diferença é que o desejável para o sábio é o que não está ausente, é o real que não falta. Isso traz um tipo de alegria satisfeita e desesperada que podemos dizer que traz a felicidade e o amor.

Para Platão, como já vimos, o amor é falta. É falta porque o amor é desejo, o desejo é falta. Para Espinosa a concepção de amor é diferente da de Platão. Para ele o amor é desejo, mas o desejo para Espinosa é potência, não é falta. Para entender melhor o que é potência Sponville (2005) diz o seguinte:

Para Espinosa, o desejo não é falta, o desejo é potência: potência de existir, potência de agir, potência de gozar e de se regozijar. Potência, pois, por exemplo no sentido em que se fala de potência sexual, nas não apenas. Sexualmente, com certeza não é a mesma coisa ser frustrado e ser potente. Mas tão pouco é a mesma coisa ter falta de comida (passar fome) e ter a potência de gozar o que se come (comer com apetite)[...] O desejo, de acordo com Spinoza, seria ante essa força em nós que nos permite comer com apetite, agir com apetite, amar com apetite.

Para Espinosa o desejo é a essência do homem, é a inclinação interna do *conatus* de conservar ou aumentar sua força. Força essa que faz superar as barreiras exteriores à existência levando a uma realização mais plena. Essa realização plena se dá no desejo de

potência de gozar, como apetite (o gozo do que fazemos) e não como falta de algo que não temos. Define-se, assim, que o amor é desejo, não o desejo como falta segundo Platão, mas, desejo como potência: potência de gozar e gozo em potencial. Na prática, o que é potência de gozar? Para demonstrar melhor, Sponville cita os exemplos do anorético, do ruim de cama e do deprimido que perderam a capacidade de desfrutar o que come, o que faz, o que é, de gozar.

Sponville (2005) define que o amor é alegria. Essa definição, encontramos no livro III da ética Aristotélica: “O amor é uma alegria que a ideia da sua causa acompanhada”. O que isso significa? Para Aristóteles quer dizer que amar é regozijar-se ou regozijar-se com. Sponville mostra por meio de alguns exemplos o que é esse regozijar-se com. Ele pede para imaginarmos alguma situação em que alguém diz que fica contente ou alegre só com a ideia de nossa existência. Afirma que essa declaração é *spinozista*, pois, declaração desse tipo não pede nada. Mas, com frequência, somos platônicos e amamos o que nos falta. Quando dizemos a alguém “*Eu te amo*” estamos dizendo “*Você faz falta, eu te quero*”. Esse amor não se contenta só com a ideia da existência da pessoa, traduz a ideia de posse. Já no outro caso, nos alegramos com a existência da pessoa que transcende a ideia de posse. Mas, o nosso autor não é tão ingênuo em acreditar, que mesmo o amor mais puro, não traga consigo nenhuma pretensão de posse. Reconhece, pois, que existe uma estreita relação entre sabedoria, alegria e amar quando afirma que: “não há sabedoria que não seja de alegria; não há alegria que não seja de amar”. Esse é o verdadeiro espírito da sabedoria pautada na verdade. Aqui está um caminho que o sábio percorre para uma vida simples. Vida simples baseada na alegria e no amor desesperado que está sempre focado no real e não no medo e na espera.

Sponville (2005) retoma ainda a ideia de beatitude de Spinoza que é esse amor inesperado e verdadeiro. Portanto, a verdade sempre o é ao real que conheço. “É o amor verdadeiro ao verdadeiro”. O autor ainda nos lembra ainda que o contrário de esperar não é temer, mas saber, poder e regozijar-se ou melhor, conhecer, agir e amar. Assim nos libertamos da esperança, pois, “não mais a falta mas potência, não mais esperança mas a confiança e a coragem, não mais a nostalgia mas a fidelidade e a gratidão.

Nietzsche, grande filósofo do século XIX, nos ensina em um de seus fragmentos que o homem deve viver de tal modo que tenhas de desejar viver outra vez. Essa é a grande tarefa do homem. E continua: Quem encontra no esforço o mais alto sentimento se esforça; se encontrar no repouso, repouse; se encontrar em subordinar-se, obedeça.

Mas no final Nietzsche (1987) nos alerta para tomarmos consciência do que é que nos dá o mais alto sentimento e não recear nenhum meio, pois no final é o único que nos resta. Essa é a idéia de eterno retorno para Nietzsche.

Sponville nos convida a uma verdadeira conversão dos desejos, que nos afastemos do vicioso círculo da esperança que nos aprisiona a uma vida infeliz e pouco genuína. Precisamos desejar o que não nos falta, o real. Só assim aprenderemos a amar de verdade. Portanto, a sabedoria é um horizonte que nunca alcançaremos absolutamente, temos somente momentos de sabedoria como temos momentos de loucura. A felicidade também não é um absoluto, ela é um processo, um movimento, um equilíbrio só que instável. Na verdade, Sponville em todo seu livro trata o seguinte: na ordem teórica, de crer um pouco menos e de conhecer um pouco mais; na ordem prática, política ou ética, trata-se de esperar um pouco menos e de agir um pouco mais; e por último, na ordem afetiva ou espiritual, trata-se de esperar um pouco menos e amar um pouco mais.

5. Considerações Finais

Percebemos, então, que a felicidade não está contida no objeto através do qual a buscamos realizar, que desejamos e queremos. Ela se encontra, sim, na própria ação contínua da pessoa que age na realização do desejo, na medida em que este se subordina à reta razão. Comprendemos que a felicidade, como fim último que buscamos, está na própria vontade do homem em realizá-la, na escolha deliberada que fazemos.

Sponville (2005) acredita que a felicidade acontece no próprio ato. Segundo ele, devemos desejar o que temos e não o que nos falta. Em outras palavras, devemos gozar e regozijar-nos do que possuímos. Mas, essa felicidade em ato é, ao mesmo tempo, uma felicidade desesperada, ou seja, sem esperar que algo aconteça; por isso, ele afirma ser ela “uma felicidade que não espera nada”, e que conduz o indivíduo a outros desejos, na sua ânsia de encontrar a felicidade perfeita e verdadeira.

O fato de desejar realizar ou possuir um objeto impulsiona a pessoa na direção do fim último desejado por todos: a felicidade. No entanto, se nos deixamos arrastar pela compulsão de realizar todos os nossos, acabaremos seduzidos pela sociedade consumista, que desperta e cria em nós desejos e necessidades artificiais, e no-los apresenta como condição de possibilidade de nossa realização e satisfação, fazendo com que vivamos uma felicidade aparente, confundida com o consumo de bens materiais.

Assim, seremos materialistas, e estaremos nos iludindo com uma felicidade momentânea em que a pessoa, sem nem sequer se dar conta, acaba por distanciar-se daquilo que busca, ou seja, daquela felicidade verdadeira, que lhe permite alcançar o fim último de sua vida, e não apenas aqueles imediatos e relativos.

No entanto, para chegarmos à felicidade perfeita, é preciso que todos os nossos desejos sejam realizados. Poderemos, então, nos perguntar: Com todos os desejos e vontades realizadas, não cairíamos na monotonia da vida? Provavelmente sim, e isso não seria mais felicidade. Porém, ao desejarmos sair desse estado, estaremos desejando alguma coisa e, quando conseguirmos sair disso, viveremos outros desejos, que serão constantes. Dessa forma, voltaremos a viver uma felicidade contínua e plena.

Segundo Sponville, para encontrarmos a felicidade, não necessitamos possuir tudo que desejamos, mas devemos ter, pelo menos, uma boa parte daquilo que queremos e desejamos. Essa reflexão assemelha-se com a busca do meio termo aristotélico, que preconiza que não devemos buscar nem aquilo que é excesso, nem aquilo que é falta, mas a justa medida.

Portando, o homem deseja ser feliz, alcançar a felicidade e Sponville apresenta um caminho baseado na pura reflexão filosófica a partir de pensadores como os estóicos, os epicuristas e Spinoza. Para ser feliz é preciso se desesperar, pois a desesperança significa o grau zero de esperança. E por outro lado a esperança é o desejo sem gozo, sabedoria e poder. O desespero que não carece de nada e não deseja nada além do que conhece e do real seria a felicidade e o amor.

A conclusão é que a felicidade não é um absoluto, mas, um processo em que se deve aprender a desejar de forma correta o conhecer, agir e amar. Contudo trata-se de um método extremamente racional e pragmático de ser feliz e se existe realmente algum sábio que é feliz desesperadamente, é incompleto, pois, depende somente dele e não há espaço para o outro. Como continuidade desse trabalho pretende-se pesquisar a literatura atual e relacionar com os acontecimentos atuais como a Pandemia Covid-19 que tem questionado as pessoas sobre o conceito de felicidade.

Referências

Bosch, P. V. D. (1998). *A Filosofia e a Felicidade*. Martins Fontes: São Paulo.

Espinosa, B. (1989). *Os pensadores*. Nova Cultural: São Paulo.

Gomes, J. C. L. (1990). *Maquiavel e a Moderna concepção do político*. M.Sc. Thesis, Federal University of Minas Gerais, MG/Brazil.

Huxley, A. (1932). *Admirável mundo novo*. Círculo do Livro: São Paulo.

Libânio, J. B. (2009). *Caminhos da existência*. Paulus: São Paulo.

Nietzsche, F. (1987). *Os pensadores*. Nova Cultural: São Paulo.

Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Recuperado de https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Reale, G. (1990). *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Paulus: São Paulo.

Ribeiro, E. V. (2012). *Reconhecimento ético e virtudes*. Loyola: São Paulo.

Sponville, A. C. (2003). *Dicionário Filosófico*. Martins Fontes: São Paulo.

Sponville, A. C. (2005). *A felicidade desesperadamente*. Martins Fontes: São Paulo.

Sponville, A. C. (2005). *O amor a Solidão*. Martins Fontes: São Paulo.

Sponville, A. C. (2011). *O amor*. Martins Fontes: São Paulo.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Paulo Eduardo de Oliveira Sousa – 50%

Kátia Soares Moreira – 10%

Heitor Soares Moreira – 10%

José Ricardo de Oliveira Sousa – 20%

Juliano Jorge de Freitas Salgado – 10%